

A análise na sociedade positiva. O caso da transferência de uma não relação

Impedimentos no andamento do processo sempre acompanharam a psicanálise. São situações contrárias ao processo analítico que, no final, contribuíram para ampliar a compreensão do funcionamento mental e abriram as portas para o tratamento de patologias cada vez mais graves. Além do desafio trazido pelas estruturas não neuróticas, localizadas nas bordas, hoje enfrentamos personalidades que revelam falhas graves na construção da subjetividade, mas que, ao mostrarem-se aparentemente assintomáticas, acarretam complexidades que não são percebidas de forma transparente. Gostaria de mencionar um caso específico de dificuldade que compromete o tratamento analítico, a encenação na transferência de uma não relação.

Primeiro, devo enfatizar que não é possível compreender a clínica atual sem abordar as subjetividades na vida social. Presenciamos uma cultura que visa consolidar uma sociedade cada vez mais positiva, onde as pessoas sejam apenas “elementos funcionais de um sistema”, nas palavras de Byung-Chul Han (2013), isto é, uma constelação social que “submete todos os seus processos a uma coerção de transparência para torná-los operacionais e acelerá-los”. Essa pressão não ocorre sem sua contrapartida, “o desmantelamento da negatividade” (p. 12)¹.

O horizonte que este filósofo nos traz sobre a atualidade contextualiza certas problemáticas que a clínica atravessa quando existe um aferimento à vida em positivo. Assim, as perso-

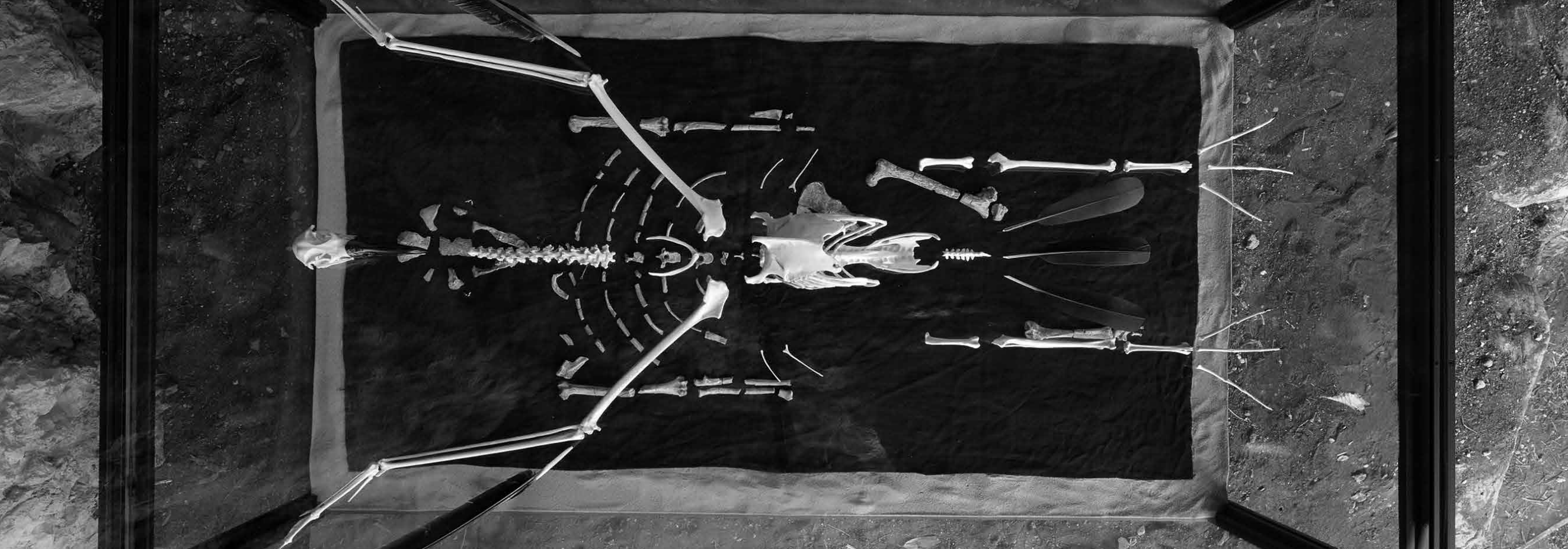
nalidades que emergem desse contexto cultural poderiam chegar a condições psicopatológicas pela pretensão de viver à margem dos processos psíquicos que impliquem falta, ausência, dor. Já na análise, espera-se que se produzam comunicações que reforcem o positivo e evitem o negativo, com o objetivo de encobrir essas experiências. O risco é que a análise se desenvolva com base nessas comunicações, mas abstendo-se de contemplar as formas silenciosas, opacas e potencialmente perniciosas. O resultado: um tratamento ineficaz em que se banaliza o processo por atender mornamente o que o “paciente traz”, sem acessar o verdadeiramente significativo, o que “não traz”, porque ainda não existe como presença.

O devir banal do tratamento poderia estar vinculado, então, a esta cultura positiva infiltrada na análise. Desta forma, a lassitude do analista se acoplaria, em virtude de sua própria adaptação à cultura, às defesas silenciosas do paciente. Um possível curso reside na complacência mútua: ambos não jogariam o jogo da análise, mas outro muito diferente. Foi Winnicott – de acordo com Green (1990/2001) – “o primeiro a denunciar a colusão entre paciente e analista” (p. 134)². Aqui, o local e o tempo da análise estariam fora da zona em que se desenvolve o ser e o encontro. Quando não há uma penetração para além do positivo, a análise perde seu sentido original de busca de significação inconsciente, de elaboração simbólica da falta e, portanto, permanece sumida no sem sentido.

* Sociedad Peruana de Psicoanálisis.

1. N.T.: Tradução livre.

2. N.T.: Tradução livre.



Outro resultado que pode surgir desse acoplamento nocivo é o foco do analista – e, portanto, também do paciente – sobre o que o vínculo mostra diretamente. Aqui, o analista poderia interpretar o quão pouco o paciente ajuda em seu próprio tratamento, quão indiferente é às interpretações, ou sua incapacidade de receber, entre outras coisas. Esse é um olhar que, por basear-se no que o paciente faz ou diz, está fechado para a recepção de novas formas de relacionamento, que, às vezes, apenas se expressam através da experiência de uma não relação.

Para ilustrar essa avaliação clínica, apresentarei brevemente um caso de supervisão no qual a analista apresenta uma situação tão exasperada que atinge o ponto de querer abandonar o tratamento. Ela diz que a paciente a desqualifica com sua indiferença, não mostra nenhum interesse em sua ajuda, transmite uma descrença em qualquer progresso possível, e até mesmo sua atitude corporal revela certo desprezo pelo que acontece na análise. A analista reconhece que tudo isso é muito sutil e matizado com eventuais comportamentos colaborativos, um pouco complacentes,

que a confundem mais, porque não consegue interpretar suas atitudes como ataques francos a sua função analítica. Por outro lado, ela se sente longe de compreender a paciente e acaba duvidando de qualquer abordagem que ela tente realizar. Assim colocado, percebe que sua experiência analítica corre como se estivesse dentro de um vínculo que está mais no limiar de algo do que existindo completamente.

Além das múltiplas considerações clínicas, o que gostaria de enfatizar aqui é que a perspectiva da analista baseava-se na ideia de que a paciente ainda não podia interagir, confiar nela, entrar no trabalho analítico. Ela se sentia no limiar de uma análise em que ocorria apenas o confronto, mas não um processo, basicamente em virtude da atitude relutante da paciente. Minha perspectiva sobre a situação foi outra. Considerei que se tratava de um processo contínuo, e que paciente e analista estavam imersas em um trabalho analítico, apenas que estava se desenrolando em uma determinada dinâmica transferencial. Através dessa atitude aparentemente oposicionista, a paciente em cada sessão

(às quais, paradoxalmente, ia pontualmente) configurava, repetidas vezes, a repetição de um desencontro. Dessa maneira, mostrava à analista que a única relação possível para ela, ou da que ela sentia digna, era – paradoxalmente também – uma não relação. Nessa circunstância, a analista acreditava sentir-se fora de uma situação da qual ela não era apenas uma parte, mas que estava em seu núcleo transferencial.

Uma transferência da não relação pode ser capturada à luz das propostas winnicottianas sobre a transferência da falha, do transicional – sua contribuição fundamental – e da proposta original de que “o negativo era mais real do que o positivo” (1953/1995, p. 42). Ou seja, o caminho que chegou ao trabalho do negativo, que Green desenvolveu ao enfatizar a “investidura do aspecto negativo das relações”

(1983/1993, p. 146)³. Com essas ferramentas, podemos promover e reconhecer a experiência de um espaço-tempo transicional no qual o trabalho do negativo pode ser implantado, e assim facilitar a generatividade no vínculo e contrariar a pressão social pelo positivo.

Referências

- Byung-Chul, H. (2013). *La sociedad de la transparencia*. Barcelona: Herder.
- Green, A. (1993). La angustia y el narcisismo. In A. Green, *Narcisismo de vida y narcisismo de muerte*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1983)
- Green, A. (2001). El silencio del analista. In A. Green, *La nueva clínica psicoanalítica y la teoría de Freud: aspectos fundamentales de la locura privada*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1990)
- Winnicott, D. W. (1995). Objetos transicionales y fenómenos transicionales. In D. W. Winnicott, *Realidad y juego*. Barcelona: Gedisa. (Trabalho original publicado em 1953)

3. N.T.: Tradução livre.